

CULTURA E CO-EDUCAÇÃO DE GERAÇÕES¹

Paulo de Salles Oliveira
Instituto de Psicologia - USP

Este artigo trata da construção cultural na vida cotidiana, através das relações entre avós e netos pertencentes às classes populares. Baseado em longas entrevistas e observações, cuida de mostrar como os sujeitos se modificam nessa convivência diária, influenciando-se reciprocamente. Generalizou-se a crença de que os velhos não mudam mais; entretanto, dados obtidos nos levam a pensar que esta concepção necessitaria ser revista. O desafio de tomar conta de crianças devolveu a estas pessoas idosas um sentimento esquecido e aparentemente sepultado de esperança. No bojo das mudanças vivenciadas, ocorrem modificações simultâneas nos modos de ser e de pensar. Detendo-se em cada pequeno aspecto de suas vidas diárias – conversas, histórias, brinquedos, brincadeiras, assistência a programas de televisão, relacionamentos com os animais e com a natureza – é possível divisar novos horizontes, fundados em relações solidárias.

Descritores: Cultura. Relações inter-gerações. Avós. Crianças. Educação. Memória.

A co-educação de gerações supõe da parte dos que estão envolvidos predisposição para aceitar as peculiaridades que a diversidade de tempos sociais imprime na formação de cada qual. Aquiescer a um tal convite é muito mais que tolerância; implica o trabalho de convergir em busca de relações iguais, acatando (e nunca abolindo) as diferenças,

¹ Este texto é parte de minha tese em Psicologia Social, a ser publicada na íntegra pela Editora Hucitec - *Vidas compartilhadas: o universo cultural nas relações entre avós e netos*. A pesquisa de campo foi realizada em bairros populares da cidade de Marília, SP

pois, é por meio delas que se renovam as possibilidades de modificação recíproca dos sujeitos. Em outras palavras, é através da percepção do outro como diferente que posso, numa dada relação, divisar meu inacabamento; quer dizer, enxergar as possibilidades que o outro sugere para minha mudança. É uma trajetória que comporta não poucos desafios, mas que acena com promessas luminosas.

Pesquisei crianças cuidadas pelos avós entre pessoas pertencentes às classes populares. Ressalta entre eles a luta em rebater os percalços e as dificuldades, com relações cultivadas pelo afeto. Podem, assim, falar por *gestos e palavras* numa linguagem que - segundo dizia Weil (1979) baseada em Pascal - é capaz de ser sensível ao coração. As conversas são, sem dúvida, de grande importância, pois é por meio delas que se preserva e se renova a oralidade, estreitando laços entre narrador e ouvinte. Não são elas, entretanto, as únicas trilhas por onde se expressa a co-educação.

Este trabalho procura discerni-la *também* nas brincadeiras, nos brinquedos, nos cantos, nas histórias, nas relações com os animais e com a natureza, nas relações com os meios de comunicação - em particular a televisão - e na perspectiva que orienta a formação destas pessoas ao longo da vida. São manifestações nas quais está presente a memória, trabalho de interpretação, de preservação e de difusão que nós mesmos realizamos, em torno da nossa vivência e daquilo que nos cerca. Os avós, nascidos em *outro tempo*, habitam e vivem *este tempo*, juntamente com seus netos. Essa diferença confere aos mais velhos a condição de portadores do passado no presente e, graças ao burilar da memória, oferecem oralmente a seus netos uma cultura banhada na história vivida (Bosi, E., 1983). Não se trata unicamente de uma volta ao passado; ele é visitado com olhares que se lançam ao presente e ao futuro. Por isso, Margaret Mead pôde dizer que “das mãos de uma avó, o fim da vida é conhecido em seu início.” (Apud Barros, 1987, p.118-9). Uma incursão no tempo já vivido, no tempo que agora se vive e naquele que hoje é porvir - tendo sido mediada pelos avós - pode propiciar aos netos, um exercício peculiar de percepção: “penetram numa região diferente e que, no entanto, não lhes é estranha.” (Halbwachs, 1990, p.66). Ter ao lado um *diferente* que é *próximo* representa para avós e netos promessa de partilhas renovadas e,

além disso, alento nos momentos de incerteza. Seria conveniente não esquecer que também a criança realiza um trabalho de memória, embora distinto do que é realizado por adultos ou por idosos. Ele se manifesta - de acordo com Vico e com a leitura que dele faz Alfredo Bosi - associado à fantasia,

... que nada mais é escreve Vico do que memória dilatada ou composta. (...) A memória é igual à fantasia (...) memória enquanto relembra as coisas, fantasia enquanto as altera e contrafaz; engenho, enquanto as contorna, combina e ordena. (Bosi, A., 1983, p.207).

A memória-lembrança e a memória-fantasia podem se articular e ajudar o entendimento da interferência mútua entre os sujeitos. E, realizando-se a co-educação entre eles, é sinal de que avós e netos, quaisquer que tenham sido os problemas que os aproximaram, não só conseguiram contornar momentos dramáticos como construíram juntos um novo *entrar na vida* (Lapassade, 1963), marcado por mudanças recíprocas e solidárias. É um mover-se silencioso, dificilmente palpável, mas que pode ser surpreendido quando, por exemplo, avós e netos momentaneamente não estão juntos: “Quando ela sai” - diz Sr. Benedito - “eu fico meio aborrecido, sozinho, mas a gente se acostuma. Fico triste mas procuro alguma coisa para fazer.”

Danila, sua neta, certamente não por acaso diz que o período em que mais se diverte é o da manhã, quando está ao lado de seu avô. Algo parecido se nota entre os demais entrevistados: “É só eles saírem e já me faz falta” - confessa Dona Betânia.

Fica tudo quieto, calado ... Quando eles chegam, fazem a alegria ... me chamam de princesa, benzão ... - Oh! Minha princesa! ... - E você, meu príncipe? ... Não, eu sou o rei! ... (Eles não estando) eu fico na solidão, precisa de ver ... Ah! não tem graça. Já estou acostumada, também, não é? Com o *terror* deles!

“Quando eles não estão” - explica Dona Jacira - “sinto a casa vazia, o dia comprido. Fico só olhando no relógio a hora de ir buscar. ... Quando eles estão fora, fico pensando neles.”

“Eu sinto saudades” - conta Dona Rosalina.

Às vezes, quando eles estão aqui, a gente briga com eles toda a hora em que fazem arte, toda a hora em que não querem obedecer. Mas, quando eles estão fora, a gente sente, não é? A casa fica muito parada ... a gente se sente sozinha (diz em voz baixa e entristecida) ... Nesse tempo eu procuro costurar, vou arrumar alguma coisa ... fico passando roupa, limpando a casa ... sempre fazendo coisas.

“Eles brigam, bagunçam tudo, mas fazem falta porque tem dia em que eu fico sozinha” - narra Dona Alda – “e eu ficando sozinha, sei lá, eu sinto falta deles ... Ou eu vou costurar ou fazer alguma coisa que é preciso fazer. Sair, por exemplo, fazer alguma visita (refere-se à visitação, prática realizada entre os messiânicos, grupo ao qual está vinculada).”

Como se deduz de algumas falas, não só os avós sentem saudades; os netos também. A ausência de um é perturbadora para o outro. Uma vez distantes, cada qual se ocupa com um *fazer*; as crianças ou estão na escola ou na residência de parentes, neste caso provavelmente brincando. Os avós vão carpir o quintal, arrumar a casa, passar roupa, costurar ou cumprir obrigações religiosas. Sentem a lentidão do tempo, as horas que não passam ... é quando o silêncio e o vazio se juntam trazendo inquietação. A saída que encontram é, então, criar outra temporalidade, desta feita ritmada pelo trabalho das mãos. De ninguém ouvi o recurso de distrair-se, assistindo à televisão; no trabalho manual assumem um *fazer* que é também capaz de *refazer, recriar, reconstruir* o estado de ânimo, revertendo sensações indesejadas. A percepção da ausência e as práticas usadas para superação do incômodo mostram o quanto os sujeitos se modificaram mutuamente, a partir de uma vida em comum. Mudaram as pessoas, mas preservou-se revigorada a afeição que, juntas, elas edificaram. Este, lembra Drummond é o terreno da memória:

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.

Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.
(Andrade, 1976, p.168).

Conversas e histórias.

Quando avós e netos estão lado a lado não se furtam a boas conversas. As histórias dos avós e as informações trazidas e narradas pelas crianças aproximam oralidade e conhecimento. Sinal de que as pessoas têm algo a dizer umas às outras, o que não deixa de ser auspicioso, sobretudo quando nos lembramos das observações de Walter Benjamin e da barbárie que nos procura envolver sem trégua. Os avós que conheci tanto fazem recomendações aos netos, com regularidade, quanto contam histórias. Já a conversa das crianças é mais no sentido de trazer as novidades do que acontece na escola, no bairro ou então de ensinar os avós, iniciando-os na leitura, na numeração, corrigindo a fala, introduzindo, enfim, fragmentos da cultura letrada.

Prática comum entre os avós é negar que contem histórias. É verdade que histórias-feitas não são mesmo lembradas, mas isso responde apenas parcialmente à indagação. Houve quem me dissesse que contar histórias é coisa do passado: “Eu quase não tenho evocação para histórias. De primeiro, gente velha é que gostava de contar histórias. Eu era criança quando isso acontecia” - diz Sr. Benedito para, logo em seguida, acrescentar: “Aqui, há uns sessenta anos, era um sertão duro, com urro de

onça ... parecia que estava perto. As onças vinham comer os porcos no mangueirão.”

Pude aprender com este e outros depoimentos que história-feita é uma coisa; história vivida, outra. A mesma pessoa que diz não contar histórias dali a pouco surpreende com a narrativa viva de certas passagens de sua existência. Sr. Benedito, por exemplo, não fica nas histórias de onça apenas. Fala com desenvoltura na Marília quando era mata e só havia aquele “picadão de engenheiro”; discorre emocionado sobre o reencontro com sua mãe; explica-me o que é *quebrar o milho*, deixar uma *bandeira*; como se faz para dar ponto no café ou para *puxar o eito*; ensina sua interpretação para a história recente da formação dos bóias-frias e para o rápido crescimento urbano. “Havia” - diz ele - “café por tudo isso (abrindo os braços), mas a cidade cobriu tudo, foi embora.”

Dona Betânia disse não se recordar. “Se contei histórias, não me lembro mais.” No entanto, que dizer das passagens em que menciona a figura austera da mãe, as brigas entre os irmãos, as visitas à casa de comadre Cícera, as caminhadas longas ao rio, levando trouxas de roupa para lavar, as aventuras do pitar escondido do pai, tendo a mãe e o irmão como cúmplices? Como não registrar a narrativa crítica que faz da escola e do comportamento das professoras de seus netos? Dona Betânia nega haver diferença no modo pelo qual criou os filhos e cria seus netos, todavia, ela mesma diz ter *sangue doce* para crianças e orgulha-se de não se enfezar quando seus netos, mesmo com a mãe estando em casa, se dirigem à avó para solicitar alguma coisa.

Dona Jacira admite que lê historinhas, as que estão nos livros adotados na escola freqüentada por seus netos. Mas, além disso, conta coisas de antigamente (as crianças não podiam ficar por perto quando chegasse uma visita; tudo era longe, difícil, andava-se bastante) e coisas de hoje, como o reencontro com o menino que ajudou a criar e que já é homem casado ou os sentimentos que emergem ao rever as fotos dos que se foram, deixando retratos como lembrança.

Dona Rosalina e Dona Alda, ao contrário, associam as histórias vividas às histórias que contam para seus netos. Dona Rosalina, tanto quanto ocorria com Dona Betânia, também andava léguas para lavar rou-

pa no rio, acompanhada por um jegue, em cujas bruacas se transportavam as peças a serem limpas. Lembra também os castigos com a palmatória, que o professor mandava um dos alunos aplicar no colega considerado indisciplinado. Fala da Semana Santa de ontem e de hoje, e daquilo que ainda tenta preservar; compara o comportamento das mães de antigamente, que acompanhavam as filhas nos bailes, e o das mães dos tempos atuais.

Dona Alda, do mesmo modo, faz alusão ao fato de que na sua infância as crianças não estavam autorizadas a se intrometer nas conversas dos adultos; narra as peripécias de quando morava numa internada e era obrigada a ir buscar água na mina tendo que fugir, às vezes sem sucesso, das investidas do gado; menciona com ternura as cantigas de roda e o gesto romântico de se *jogar versos* para admiradores.

As histórias-feitas só aparecem mesmo nas falas das crianças. Denise e Pedro recontam Chapeuzinho Vermelho, história que eles aprenderam na escola. Denise finaliza dizendo que “o caçador chegou lá, derrubou a porta, matou o lobo e tirou vovozinha de dentro dele. Aí depois, eles (o caçador, Chapeuzinho e vovozinha) comeram o docinho.” Segundo Denise, a mãe de Chapeuzinho é que o havia preparado.

Na versão de Pedro, porém, os rumos são outros. Quando Chapeuzinho chegou à casa da vovozinha e entregou-lhe o bolo, “ele (o lobo) pegou, colocou pimenta ... aí ele comeu, ardeu a boca e ele saiu. Foi beber água.” Assim termina a história.

A mesma história contada pelos irmãos Grimm fala em um pedaço de bolo e vinho (Grimm, 1989). Em Perrault (1977), os presentes para vovozinha são um bolo e uma tijelinha de manteiga. Já Darnton (1986) encontrou trinta e cinco versões diferentes de Chapeuzinho Vermelho. Haveria, entre todas essas, alguma que fizesse referência à comemoração com docinho, como sugere Denise? Ou ainda que mencionasse a pimenta, a ardência e a água salvadora, como aponta Pedro?

As histórias-feitas não compõem, todavia, o repertório principal daquilo que as crianças contam para seus avós. Estes tanto quanto aqueles, muitas vezes *não* se percebem como *alguém que conta* alguma coisa,

ou que mostra ao outro aspectos da vida que até então eram desconhecidos. Assim, enquanto Sr. Benedito afirma ter recebido de Danila lições de numeração, sua neta não faz alusão a este ensino. Refere-se apenas a um estojo, que mostrou ao avô e que ele não conhecia. Algo muito semelhante se dá com Dona Alda e seus netos. Jerry lembra-se de ter ensinado matérias da escola, especialmente pontos de História à sua avó; Didier não se recorda de ter mostrado nada. A avó, contudo, menciona que eles corrigem a fala, coisa que eu mesmo pude testemunhar.

Dona Betânia segue nesta mesma direção: os netos ensinam a não falar errado. Nenhum deles, porém, tocou neste assunto; Válter assinala que conta à avó coisas que acontecem no bairro, citando uma trombada como exemplo. Lúcio, do mesmo modo, narra à avó ocorrências da vila, como a busca feita pela polícia na casa de um dos vizinhos, acusado de roubar supermercado.

Ensinar a ler e corrigir a fala são temas referidos por Dona Rosalina, mas Telmo, que foi indicado como professor, não se lembrou de nada. Leila, por sua vez, afirma ter ensinado uma oração: a menina lia e a avó repetia, até decorar.

Denise e Pedro não se recordam de ter falado nada com sua avó; Roberta revela ter contado notícias de sua mãe, com quem se encontrou na escola. Dona Jacira, entretanto, explica que os netos a encorajam quando falam: “ - A gente cresce e ajuda a vó.” Ou então: “A vó é muito boazinha!”

As histórias narradas por avós e netos fazem parte da convivência diária e trazem a peculiaridade de serem histórias vinculadas à vida que levam. São significativas para os velhos e as crianças porque, de certa forma, traduzem “alguma grandeza da vida cotidiana.” (Bosi, E., 1983, p.32). Nestas histórias, o narrador é protagonista principal da ação, mesmo que não tenha ainda se apercebido que história também se faz sem heróis de ficção. E nem por isso, ressalta Drummond, perde em graça ou em beleza:

Cultura e Co-Educação de Gerações

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.

Minha mãe ficava sentada cosendo.

Meu irmão pequeno dormia.

Eu sozinho menino entre mangueiras

lia a história de Robinson Crusóé,

comprida história, que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala - e nunca se esqueceu
chamava para o café.

Café preto que nem a preta velha

café gostoso

café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo

olhando para mim:

- Psiu ... Não acorde o menino.

Para o berço, onde pousou um mosquito

E dava um suspiro ... que fundo!

Lá longe meu pai campeava

no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história

era mais bonita que a de Robinson Crusóé.

(Andrade, 1976, p.3).

Conversas e conselhos.

Os conselhos ocupam lugar expressivo nas conversas entre avós e netos. Observando-os de longe ou com alguma pressa, talvez se pudesse dizer que eles são repositores unívocos daquilo que está consagrado. Teriam, portanto, uma única possibilidade de entendimento e, além disso, estando presos à tradição, talvez se colocassem no mundo de hoje como algo anacrônico. Poderiam ser vistos, então, como uma alegoria e além disso fora de lugar.

Certas recomendações dos avós podem mesmo se aproximar desta dimensão alegórica, porém nem todas nela se esgotam. Algumas há que são formuladas com um sentido mais amplo, comportando várias possibilidades de intelecção. Estariam, assim, mais próximas do símbolo do que propriamente da alegoria. Esta segunda vertente de compreensão dos conselhos caminha rente à perspectiva proposta por Walter Benjamin. Diz ele que se *dar conselhos* “parece hoje algo de antiquado é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis”, acrescentando logo a seguir que “aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada.” (Benjamin, 1987, p.200).

Um exemplo poderia ser destacado a partir das restrições que alguns avós fazem às creches, apontando que muitas das pessoas encarregadas não *olham bem* as crianças. Qual seria, contudo, a extensão do sentido deste olhar? (Bosi, A., 1988b).

Olhar uma criança significa, antes de tudo, *tomar conta, cuidar*. Todavia, não se restringem a esses os sentidos desta expressão, conforme é possível notar nas conversas com Dona Jacira.

Olhar pode ser *medir, avaliar*, como no instante em que uma pessoa desconhecida bate à sua porta, com um filho no colo:

- “Eu queria que a senhora olhasse (cuidasse de) meu filhinho!”

- “Eu penso” - responde Dona Jacira - “*olho*, dá dó falar que não. Eu fico aborrecida de recusar. Não é tanto pela mãe; é pela criança ...”

Olhar pode ser, igualmente, *curar, zelar pela cura*:

“A menina estava com aquela doença de sete dias, que o povo chama de doença do macaco (denominada simioto pela medicina) ... Eu olhei, olhei, pensei: ‘Está doente, eu não posso deixar de *olhar*.’”

Olhar é, além disso, *criar*:

- “Leve naquela senhora ali” - diz uma vizinha - “que ela já *olhou* muitas crianças ... Saem todas gordas, bonitas.”

Olhar é também *observar*:

“Eles vão brincar depois do café. Um pega um carrinho, outra, a boneca. Um briga, joga o carrinho no outro, êta! Um divertimento! Eu fico *olhando* ...”

Mais ainda que observar, olhar significa *vigiar*:

“Não dá tempo, meu filho, não dá tempo de eu brincar ... Eu fico lavando, passando, arrumando botão. De onde eu estou, fico *olhando*, vendo se não falta algum.”

Dar-se conta, perceber, eis outro sentido para olhar:

“Essa senhora muito velha mora lá longe, perto da Califórnia (nome de uma das vilas da cidade), sozinha, sem ninguém, nem parentes ... nem nada. Esses dias eu fiquei sem ir lá ... Então ela veio vindo, veio vindo ... quando eu *olhei*, ela estava aqui.”

Olhar é ainda *espiar discretamente*:

“Chegava uma visita, coitados de nós. Íamos ficar longe para não escutar o que a visita vinha falar. A gente só *olhava*, assim, de longe ... criança não tinha vez.”

Olhar também se refere a *pensar, imaginar*. Dona Jacira, ao tomar nas mãos a fotografia de cada uma das crianças que passaram por ela, comenta:

“É ... o que será? Fico *olhando*. Aquilo é para mim uma tristeza. A gente cria, vão embora, não vem notícia ...”

A multiplicidade de acepções, definidora da presença dos símbolos, convive em meio a recomendações que parecem inclinar-se para uma única direção. Mas mesmo esse terreno em que sobressai a alegoria preciosa seria ser visitado com alguma cautela. É que o enunciado, às vezes aparentemente claro e indiscutível de uma fala, pode ser reinterpretado no interior das relações entre os sujeitos. Isto quer dizer que as acomodações entre o que foi preconizado e a interiorização na vida diária das pessoas podem gerar remanejamentos ou concessões, de parte a parte. À primeira vista, nada poderia se afigurar tão cristalino, entre os conselhos dos avós, como as restrições feitas às crianças para não ficar perambulando pelas ruas e não andar em más companhias.

No caso do Sr. Benedito e de Danila, talvez pelo fato de ficarem juntos apenas durante um período do dia, há de fato correspondência entre a diretriz de não deixar as crianças “andando soltas nas ruas” e o comportamento de sua neta, que brinca dentro de casa, favorecida pelo imenso quintal ali existente.

Mas, com os outros avós e netos, embora persista a reiteração da mensagem, algumas mediações precisariam ser feitas. Dona Betânia diz:

Não gosto que brinquem com a molecagem. Muitos são sem-vergonha e só ensinam o que não presta. Moleque nesta Ventania (nome com que o povo designa a região), briguento, tem demais! Quando a gente quer topar com o Cão, não precisa ir atrás; ele está aqui na porta. Eu quero defender as crianças disso tudo. Se eu não trouxer todos eles assim, corrigindo, o que é que vai ser?

A avó além disso tem receio de que, sumindo alguma coisa na casa dos outros e na eventualidade de um de seus netos ter passado por ali, possa haver acusação de furto e os vizinhos venham a bater na sua porta ou brigar, como chegou a ocorrer certa vez.

Dona Jacira procura orientar seus netos nesta mesma direção: “Falo para eles não andarem com maus elementos. Devem andar meio sós. Porque quando uma ovelha é ruim, puxa o rebanho todo para o mau caminho. Então, esse negócio de ir sozinho é porque a gente vai no caminho da gente, vai no destino da gente.”

As diferenças ficam por conta de Dona Rosalina e de Dona Alda. A primeira chega a narrar um diálogo com a vizinhança, espantada de ver aquela senhora deixar Telmo e Leila irem sozinhos para a escola. Diante da ponderação de uma das pessoas, alertando que os moleques podem bater, Dona Rosalina contra-argumenta: “Ah! Não batem não! os moleques têm que se acostumar, tem que ter a amizade com os coleguinhas certos. Eu falo: ‘É isso aí, Telmo, você tem que arrumar coleguinha que não é muito ... que não é muito bagunceiro.’”

Mesmo assim, quando Leila pede para ir fazer tarefas na casa de uma colega, com alguma relutância a avó permite, mas marcando a hora. Meia hora.

Dona Alda, muito religiosa, tenta aconselhar seus netos a não revidar:

Se, às vezes, a brincadeira está partindo para a agressão ou está partindo para palavrões, um com o outro, então que procurem vir para dentro ... assistir a uma televisão ou fazer qualquer coisa, que é muito melhor do que ficar brigando ou discutindo na rua, não é? ... É preferência, então, em lugar de ficar brigando na rua, aprendendo o que não presta ou fazendo o que não deve, é melhor ficar sozinho.

Olhando de perto, percebe-se que as crianças de fato não estão proibidas de sair, senão como explicar a variedade de brinquedos e brincadeiras? Como entender, ainda, as menções reiteradas a colegas e amiguinhos? Existe um controle dos avós, interessados em saber *com quem e aonde* andam seus netos, mas o enunciado rígido se refaz na medida em que estas dúvidas fiquem esclarecidas.

Não é possível, pois, aceitar ao pé da letra o conteúdo das recomendações, mesmo porque são os próprios avós muitas vezes que solicitam de seus netos alguns *servicinhos*, que demandam sair à rua. Os mais velhos têm cuidados, mas trazem também uma percepção acurada do sentido social da vida dos netos, da importância das amizades. Se em alguns, como Dona Alda ou Dona Rosalina, este aspecto se mostra mais claramente apreensível, nem por isso está ausente nos outros avós com quem estive. A mesma Dona Jacira, que recomenda andarem *meio sós, seguindo o destino da gente*, sabe reconhecer qualidades no menino que ajuda o neto a trazer verduras: “Esse é gente boa ... esse é um vizinho, gente conhecida.”

Aconselhar, portanto, está longe de representar uma ordem. Diria eu, acompanhando Walter Benjamin, que cada recomendação é como se fosse uma baliza: indica procedimentos, mas não os prescreve antecipada e pormenorizadamente, deixando ao outro espaço para discernir e trilhar um caminho conveniente. Tanto existe essa margem de movimentação que dificilmente os netos identificam claramente em seus relatos este ou aquele conselho. É uma atitude que, caso os avós estejam por perto, pode causar-lhes certa apreensão. Não seria o caso de se preocuparem, pois, o fato de os netos não mencioná-los na hora prevista não corresponde a es-

quecimento. Nem mesmo significa que as recomendações não estejam na cabeça das crianças. Neste trabalho, também aprendi a ir encontrá-las dispersas, em meio a outros assuntos; quer dizer, quando perguntados pelas coisas que os avós mais falam, dificilmente os netos respondem através da identificação de conselhos. Mas eles ali estão nos meandros mais inusitados ... Quando menos se espera, surgem de repente. Ninguém precisa solicitar. Basta voltar a atenção para alguns trechos de depoimentos. “Eu não pulo de barranco” - jura Danila. Válter assim se expressa: “Meus colegas desperdiçam comida, eu não!”; “Não sou acostumado à rua”; “Ela não gosta que eu fique na casa dos outros”; “À tarde, não brincamos porque o sol é muito quente e nós ficamos sentados na sombra, conversando.” Denise: “Eu não gosto de brincar na rua”; “Não brinco muito de *mamãe da rua* porque quando um leva um tombo depois vai falar e mãe vem brigar aqui.” Leila, percebendo meu embaraço em seguir o roteiro naquela tarde fria e escura, diz graciosamente: “Pode acender a luz!” E Telmo, seu irmão, conta como faz para obter a peça de que necessita para brincar de arquinho: “Ô tio! Posso catar rolemã?”

Os conselhos dos avós são, também, algumas vezes conflitantes com a prática destas pessoas quando crianças. Dona Betânia reclama quando os meninos “se danam a brigar” e quando “não há quem feche a boca”, mas, à época de sua infância e na juventude, ela própria revelou-se briguenta tanto nos poucos anos de escola como quando, ao lavar roupa à beira do rio, deixou sua prima marcada com cipó de urtiga.

Gostaria de esclarecer que não vai aqui a mais leve insinuação de censura. Contradições não são atributos exclusivos dos avós aqui estudados; quantas delas não alimentamos dentro de nós? Pretenderia ressaltar, isto sim, como, no interior de conselhos corriqueiros, pode existir embutida uma aspiração de mudança: que as nossas fraquezas não sejam reiteradas por nossos netos. Embora Dona Betânia não tenha admitido, a convivência com eles já não mais se assenta nas mesmas bases do tempo em que criou seus filhos. O passar dos anos, a experiência vivida, o *sangue doce para criança* moveram essa senhora no intuito de não desejar aos netos os mesmos sofrimentos. Seus conselhos não poderiam, por isso mesmo, repor as mesmas imagens. O sentido de *não brigar* parece então

deslocar-se do terreno da imposição para ir compor-se dentro da proposição de um caminho diferente, menos árido. Refletindo uma vez mais com Walter Benjamin, talvez se pudesse dizer que ele se alinha ao aconselhamento e não mais à dimensão alegórica, ou seja, “à expressão da convenção.” (Benjamin, 1986).

Os conselhos dos avós só encontram hiato quando a argumentação não consegue apaziguar os conflitos. O primeiro esforço é a tentativa de obediência, buscando convencer as crianças de que não estão se portando corretamente. Esgotadas as possibilidades de entendimento, exaurida a paciência, os avós minados pelo cansaço, aí então podem ocorrer as surras ou os *chegos*. Alguns fazem questão de frisar que são tapas de correção, tapinhas de amor, último recurso quando *a boca não vence*, tapinhas de nada, sem deixar vestígios, ao menos aparentes.

Os filhos daqueles que hoje são avós são os primeiros a estranhar a tolerância de seus pais para com os netos. “Com a gente não foi assim” - denunciam unânimes, quase que instando os avós a serem mais severos, a exemplo do que um dia possam ter sido. Parece não surtir efeito. Há entre os avós quem esconda da filha (hoje mãe) as travessuras da neta por avaliar que não merecem *aquela ladainha toda* e nem mesmo é caso para se bater ou por de castigo. Mais um ponto a mostrar como os avós percorrem com os netos uma trilha de mútuas transformações.

“Vocês não sabem o que é apanhar” - explica Dona Alda, referindo-se às surras de borracha de pneu ou de cinta. Basta, segundo ela, relar mais forte no braço para as crianças falarem que isso é bater. Algo semelhante se poderia dizer de Dona Betânia, quando conta as surras violentas que sua mãe dava nos filhos, extravasando rancores guardados. Bem se vê por essas passagens que Graciliano Ramos fez mesmo de Infância um livro de memórias, onde o conteúdo ficcional se aproxima muito dos dramas vividos.

Batiam-me porque podiam bater

e isso era natural. Os golpes que recebi antes do caso do cinturão, puramente físicos, desapareciam quando findava a dor. Certa vez, minha mãe surrou-me com uma corda nodosa que pintou as costas de manchas sangrentas. Moído, virando a cabeça com dificuldade, eu distinguia nas cos-

telas grandes lanhos vermelhos. Deitaram-me, enrolaram-me em panos molhados com água e sal e houve uma discussão em família. Minha avó, que nos visitava, condenou o procedimento da filha e esta afligiu-se. Irritada, ferira-me à toa, sem querer. Não guardei ódio a minha mãe: o culpado era o nó. (Ramos, 1984, p.31).

A presença dos avós na defesa dos netos repercute também na produção literária. Lembro-me que este aspecto foi também trabalhado por Veiga (1986), em *Os Cavalinhos de Platiplanto*, quando o avô livra o menino da *conversa* que teria com o pai. Logo, Sr. Benedito e Danila não estão solitários nesta busca de superação do inferno pedagógico, isto é, do “aprendizado brutal de que é preciso temer o outro, a Natureza, o acaso.” (Bosi, A., 1988a, p.20).

Formação no serviço e nas letras.

A compreensão do outro, simultaneamente enquanto alguém que é diferente de nós, mas que tem os mesmos direitos e, nesse sentido, é igual a nós, pode ser favorecida numa formação que procura não dissociar trabalho manual de trabalho intelectual. Todos os netos entrevistados estudam e este é um ponto de honra para os avós. Acontece, todavia, que a formação nas letras não exclui o desenvolvimento dentro de casa de atividades manuais. Estes servicinhos são desde cedo aprendidos na prática da vida cotidiana. Não só representam ajuda, cooperação, partilha das incumbências, como auxiliam as crianças a ter noção do que é *saber fazer* as coisas: conceber, executar, aplicando habilidades, e concluir de cabo a rabo uma tarefa.

Fazer um servicinho pode ser penoso, especialmente quando uma oportunidade de brincar ou de assistir à televisão se apresenta como alternativa. Nestas ocasiões, mesmo contra a vontade, os netos acabam primeiro se desincumbindo deles para depois irem se divertir e, quando isso não acontece, são advertidos pelos avós. Certas ocasiões, quando há muito trabalho acumulado é possível que as avós peçam aos netos para, num determinado dia, faltarem à escola.

Habitados às tarefas domésticas, os netos vão desenvolvendo um senso de responsabilidade, aprendendo a avaliar o esforço que representa ter casa, comida e roupa lavada. Se antes já haviam se dado conta da dificuldade que seria não ter água encanada em casa ou mesmo energia elétrica, graças às histórias da infância de seus avós, agora experimentam e superam dificuldades inerentes à manutenção das coisas dentro de uma certa ordem. Esse aprendizado fica bem incorporado, como pude notar, no cuidado com que me mostraram suas coisas, seus brinquedos, suas caixas de guardados. Enternece ver cada um deles, sem exceção, usando um lápis de cada vez, guardando-o antes de apanhar outro, para colorir seus desenhos. Este gesto, além de educativo para quem o presencia, revela a grandeza das lições que a prática diária dos servicinhos oferece.

Nenhum dos netos com quem falei deixa de fazê-lo: preparar o leite, limpar o quarto, lavar o banheiro, limpar os móveis, lavar a louça, ir caçar os brinquedos (depois de terminado o divertimento), passar cera, enxugar louça, guardar os trens, varrer a casa, passar enceradeira, ir buscar mantimentos nos mercadinhos, varrer a frente e o quintal, arrumar as camas, lavar, estender, recolher, dobrar e guardar as roupas, recolher o lixo e fazer o jogo do bicho - eis uma lista, incompleta, destas atividades. Se são ou não primorosamente executadas, às vezes fica difícil dizer, como quando Danila descreve o encanto da espuma a subir na lavagem da pia do banheiro. Mais parece uma nova manifestação do brincar do que propriamente um dever a ser realizado. Importa nestes casos perceber que foram tarefas executadas conforme a concepção das crianças. Muitas vezes mostram-se capazes de bem humoradamente atravessar desafios, superar obstáculos e trazer alegria para um trabalho sem fim, repetitivo e, talvez por isso, nada risonho para os adultos. Essa mesma dimensão de aridez poderia estar presente no jogo do bicho. É provável que costume assim tão arraigado represente, para aquele que aposta, um reencontro com o sonho. Ocorre que a vida difícil dos avós e netos que conheci parece querer subtrair a todo instante essa possibilidade, como se os pobres não pudessem nem mesmo alçar vôos de imaginação. Enquanto pessoas, lutam para viver, mas não podem se privar de ter em mente uma alvorada mais promissora, condições mais suaves de existência ... uma vida, en-

fim, que não venha a frustrar ao justo desejo de atender aos pedidos de seus netos (geralmente um alimento ou uma roupa) e assim, na alegria de cada um deles, encontrar sentido para a existência. “Às vezes eu penso”-relata Dona Rosalina:

- Nossa! eu queria dar *mais* conforto para eles, *mais* ... Trazer as crianças mais bem arrumadas. A gente pensa: Será que vai poder estudar? Eu queria dar a eles *mais* do que eu estou dando para eles. Às vezes eles pedem alguma coisa e a gente ... “Ah! minha colega tem isso, comprou aquilo” às vezes um sapato, uma roupa, algum relógio ... “Minha colega tem, vó. Você não vai me dar um?” A gente não tem condição! Então a gente já fica aborrecida. Porque às vezes a gente pensa: Nossa! Estão na companhia da gente; tem hora em que a gente quer dar alguma coisa e a gente não tem condição de dar ...

Bem se sabe que o jogo do bicho é uma contravenção penal e que, em certos pontos, as mesmas pessoas que lidam com ele podem estar vinculadas ao tráfico de drogas. Acho difícil, porém, que isto se aplique aos coletores de apostas que estão próximos aos sujeitos desta pesquisa; alguns eu mesmo cheguei a conhecer e, além do mais, seria de se estranhar que o assunto não viesse à tona depois de tantas conversas. Parece-me mais apropriado admitir que, para os avós, o jogo significa uma das poucas oportunidades de tornar a vida mais colorida, ao menos em sua dimensão imaginária. Nem é tanto, segundo me parece, o caso de fuga do mundo. Trata-se de um recurso de encontrar neste mundo horizontes menos sombrios. Ainda que esta prática seja vista como evasão, por uns, ou como manifestação de alienação por outros, a envolver a vida das pessoas aqui estudadas, convém não perder de vista que “fazer o jogo” é uma das tarefas domésticas reservadas aos netos. Quase que todas as outras são práticas de trabalho manual, o que equivale dizer que a formação destas crianças não dissocia saber e fazer. Ninguém revelou desejo de que seus netos estudassem para não ter que *sujar as mãos*. Ao contrário, a exemplo do que sintetiza a fala do Sr. Benedito, todos almejam uma educação no serviço e nas letras. Essa prática não só rejeita a divisão social do trabalho na sociedade em que vivemos como é capaz de recusar a possível imagem *alienada*, que se pudesse formar em torno destas pessoas. Quem

estuda os oprimidos, ao que tudo indica, precisa habituar-se às ambigüidades. Mais que isso, a não considerá-las defeitos, imperfeições ...

Cantos, brinquedos e brincadeiras.

Dos avós, só Dona Betânia se mostrou dedicada aos cantos. Os demais preferiram recolher-se, dizendo só cantar quando os netos eram pequeninos. As cantigas de ninar, então, predominam, com variações interessantes na voz de Dona Rosalina:

Dorme, nenê,
Nenê jururu
O pato e a marreca
Galinha e o peru.

Com Dona Betânia aprendi quase uma dezena de cantigas, a maioria de origem nordestina. O cantar dessa senhora não é, portanto, somente melódico; apresenta traços autobiográficos, referência enraizadora para quem, embora vivendo aqui há muito tempo, se reconhece ainda como imigrante. Eis que então, em plenas terras paulistas, reaparecem Lampião, Maria Bonita, a dança do maracatu, o costume de tomar torrado², entre tantas outras coisas ...

Há também na fala de Dona Alda uma menção que remete ao passado recente, mas desta feita referido às cercanias da cidade de Marília-SP. Cita não apenas as cantigas de roda, mas a associação entre a ciranda e a prática de se *jogar versos*, insinuação discreta, elegante e singela entre jovens enamorados, preâmbulo para uma aproximação. São costumes que, como ela mesma disse, “já não existem mais”, a não ser - diria eu - na memória viva de quem os experimentou:

2 *Torrado* é uma combinação de fumo, folha de imburana assada e cravo-da-Índia moído. Juntos, são socados num pano, formando uma espécie de rapé, conforme explica a própria Dona Betânia.

Ai que noite tão bonita
Ai que céu tão estrelado
Quem me dera eu ver agora
O meu lindo namorado.

Se, porém, Dona Alda, Dona Jacira e Sr. Benedito disseram não cantar com regularidade nos dias de hoje, o que talvez possa ser relativizado a partir da indicação de Didier, um dos netos de Dona Alda, relatando que “às vezes ela canta *Maria Chiquinha*”, é certo que todos ouvem, e alguns provavelmente até aprendem, as músicas cantadas por seus netos. Dona Jacira explica que “eles é que cantam para mim ... músicas da Xuxa.” Nem sempre, todavia, são músicas cantadas em programas de televisão dirigidos ao público infantil. As crianças cantam também as músicas que aprendem na escola, como, por exemplo, *Atirei um pau no gato*.

O ensinamento recíproco entre avós e netos se renova nos brincue-dos e brincadeiras. Nestes momentos, as crianças *puxam* seus avós para brincar, olhando os mais velhos com igualdade e, o que me parece mais importante, não demonstrando vergonha alguma de ter pessoas idosas como companheiras. Não fazem, enfim, discriminação. Embora não me lembre de ter ouvido alguma verbalização neste sentido por parte dos avós, acredito que esta atitude dos netos, tão espontânea quanto simples, não passe despercebida à sensibilidade dos mais velhos. Quem sofre violências, físicas ou simbólicas e quem vive a condição oprimida sabe muito bem que “um sorriso, uma palavra de bondade, um instante de contato humano têm mais valor do que as mais dedicadas amizades entre os privilegiados, grandes ou pequenos. Só aí se sabe o que é a fraternidade humana.” (Weil, 1979, p.66). “Vamos, vó, brincar de *lenço e corra já?*” - dizem os netos de Dona Rosalina. “Vamos, vó, fazer uma festinha?” - convidam os netos de Dona Alda.

E, assim, de um jeito ou de outro, é com todos. Os avós são levados a participar da brincadeira como também a reavaliar os compromissos com os afazeres domésticos. No chamamento dos netos podem se deparar com a importância do divertimento. Se é difícil combinar diversão e trabalho numa única prática, que pelo menos a vida se humanize com ativi-

dades alegres, propiciadas pela iniciativa das crianças. “Uma coisa que é assim gostoso e dá pra perceber” - expõe Dona Alda:

- é que a gente, mesmo estando com uma certa idade, tem um lado criança. Eu não sei se é porque eu não tive infância, com brincadeiras, bonecas, essas coisas e, brincando com eles, a gente volta. Junto com eles, parece que volta aquele lado criança. Quer dizer que é um lado gostoso que eles ensinam para a gente. Que a vida tem que ser vivida como uma brincadeira ... levar a vida mais à vontade, *não tão* a sério, e a gente, sei lá, se acostuma a entrar numa depressão, numa frustração, assim. Eles ensinam a gente a ser mais liberal, ser mais ... como se diz? Viver mais.

“Mas, a horinha em que a gente (pode)” - diz Dona Rosalina - “eu falo: ‘Ah! Então vamos descansar um pouquinho e brincar!’”

Além de brincar com os avós, os netos participam de inúmeras outras brincadeiras com crianças da vizinhança. Danila, acompanhada de amiga ou de familiares, brinca fazendo “o quintal inteiro de casinha.” Recorre à natureza - árvores, terras e pedrinhas - e a objetos transformados em brinquedo: garrafa térmica quebrada, torneira usada, lata de talco, tijelas, bandejas, passes de ônibus que perderam validade, carteira de plástico, caneco, vasilha, latinhas, aparelho de barbear, lâmpadas e outros pequenos objetos. Além disso, adora trancar-se no quarto da avó: usa perfume, passa batom e esmalte nas unhas.

Válter e Lúcio brincam de: rolete, roleta, rela-ajuda, pique-salva, esconde-esconde, futebol, ouvir *walkman*, mini-sinuca, mão-na-mula, ralas de pipa, *mês*, queima, carrinho, mamãezinha (mamãe da rua), elefantinho de cor, rela-rela e *chiniqueiro livre*. Danuza participa de alguma dessas práticas e acrescenta: escolinha, *escolinha de bater*, boneca, casinha, subir no muro e pular, fazer castelos de areia.

Denise enumera: casinha, contar historinhas, pular corda, esconde-esconde, *bétia*, feijão-queimado, amarelinha, mamãe da rua, desenhar e fazer contas na pequena lousa. Pedro menciona: mamãe da rua, pé-na-lata, *bétia*, bola, casinha, rolete, tomar banho de chuva, pipas. Roberta conta que brinca de casinha, valendo-se do limoeiro e da areia, que vira chocolate; menciona passeios com uma amiguinha, danças com Denise, esconde-esconde e caminhão.

Telmo brinca de búrica, carrinho, escolinha, subir na árvore, *Bom-Bril*, lanterna, cano com bombinha, canudinho com bolinhas extraídas de árvore, arquinho, futebol, revólver com tampinha e queima. Leila lembrou-se das brincadeiras de escolinha, poponeta, queima, fogueira, casinha, bolinhos de areia, escorregar na área, *guerras* de areia, cantar, dançar. Com a avó, além do *lenço e corra já*, brincam de poponeta e dominó.

Jerry, Didier e seus amigos fazem festinhas com bolachas, doce, *Tubaína*, suco e salgados, contando com a participação de Dona Alda. Rabiscam de batom ou giz as paredes da área, brincam de elástico, de carrinho e ambos têm caixas de papelão, onde ficam brinquedinhos como *Lego* e objetos guardados. Jerry gosta de brincar de polícia e ladrão, alerta, esconde-esconde e mamãe da rua. Didier faz alusão à amarelinha, à fogueira, ao vôlei, às músicas que canta (revelando seu constrangimento em cantar algumas estrofes) e às brincadeiras com Carla e Aline, especialmente a de elástico. Dele ouvi também que “quando terminam as festinhas, ela (a avó) come o resto que sobrou”... Nestas festinhas, acredito, tudo pode sobrar, menos doces. Nenhuma criança que conheci deixou de manifestar o encanto que eles exercem. Danila fala entusiasmada de “balinhas, chocolates, pastilhas, daquelas quadradinhas ... aquelas balinhas redondinhas coloridinhas.” Denise sabe bem o que fazer com o dinheiro que ganhou no bicho: doces, em primeiro lugar, fichas de telefone e pastel. Didier conta animado dos doces que a avó traz quando vai à casa de Dra. Cecília. Válter, então, explica com os olhos brilhando do que é que mais gosta. É um “tipo de maria-mole, marrom, do tipo de doce de leite e, quando você morde em cima, desce embaixo ...”

Como não poderia deixar de ser diferente, os doces ocupam lugar de destaque nas representações infantis. Roberta brinca de casinha e, da areia molhada, faz *bolinhos de chocolate*. Danuza fala do bolo que o gato comeu. Denise torna sua versão de *Chapeuzinho Vermelho* mais deliciosa ao criar o *docinho*, que coroa o sucesso do resgate da vovozinha, sã e salva. Algo parecido está nas estrofes de *Borboletinha*, canto que principia anunciando o *chocolate*, que está sendo feito na cozinha. E há ainda o *feijão queimado*, cuja rima final é “comeu um *doce* e se lambusou.” Drummond vai mais longe, quando imagina o doce que caiu ao chão:

A boca aberta para o doce
já prelibando a gostosura
e o doce cai no chão de areia, droga!
Olha em redor. Os outros viram .
Logo aquele doce cobiçado
a semana inteira, e pago do seu bolso!
Irá deixá-lo ali, só porque os outros
estão presentes, vigilantes?

A mão se inclina, pega o doce, limpa-o
de toda areia e mácula do chão.
Se fosse em casa eu não pegava não,
mas aqui no colégio, que mal faz?
(Andrade, 1980, p.97-8).

São, portanto, múltiplas e variadas as brincadeiras - e isso é importante sublinhar. Não posso me deter na sua descrição, embora creia que nem sempre possam ser do conhecimento de todos leitores. Convidaria os interessados à leitura dos depoimentos que estão coligidos na tese e experimentar assim um pouco do sabor da novidade, como ocorreu comigo.³

A única exceção fica por conta de *janken-pon*, jogo de origem oriental bem remota, que as crianças na pesquisa tratam de *João quem por ou joguei por*. Aparece nas brincadeiras como se fosse uma parlenda, ou seja, um conjunto de rimas para se saber *com quem está* determinada brincadeira. Pude obter que a palavra *ken* (literalmente, o primeiro) serve para designar numerosos jogos feitos para se chegar ao primeiro, isto é, aquele que fica livre antes ou então quem vence a brincadeira. O *janken* ficou conhecido como jogo infantil de tesoura, papel e pedra. As crianças falam: “jan-ken-pon” e estendem a mão representando uma das três formas: *tesoura*, dedos estendidos formando a letra *v*; *papel*, mão espalmada; *pedra*, mão fechada. A tesoura corta o papel; o papel embrulha a pedra; a pedra quebra a tesoura. Essa tríplice combinação determina a sorte

3 Ver especialmente o terceiro capítulo *Narrativas de entrevistas e observações*.

das pessoas no início da brincadeira (Kodansha Enciclopedia of Japan, 1983, p.193)

A variedade de brincadeiras e de brinquedos indica como a vida das crianças que são cuidadas pelos avós está aberta para as experiências do convívio social com outras crianças. Este aspecto ajuda a entender que levam uma vida ajustada aos tempos atuais, dentro do que permitem as circunstâncias. Revela, também, como os avós mudaram e hoje tratam de seus netos, tendo como referência horizontes diferentes daqueles em que antes se basearam para criar seus filhos.

Valeria a pena destacar que, à exceção do *Lego*, nenhum outro brinquedo industrializado foi tratado pelo seu nome comercial. Mais ainda: excetuando-se bolas, bonecas e o carrinho de controle remoto de Didier, não cheguei a notar a presença de qualquer um destes com as crianças que conheci. Cecília Meireles se deteve diante de quem não pode comprar brinquedos: “E, como não tenho brinquedos, divirto-me com o sol, com as crianças iguais a mim e com os animais que encontro pelo caminho (...) À noite amontôo carneirinhos de nuvens e brinco de esconde-esconde com a lua ...” (Meireles, 1977. p.89-90).

Também o fez Oswaldo Elias Xidieh em suas pesquisas sobre narrativas populares. Diz uma delas: “As andorinhas foram feitas pelo Menino Jesus para poder brincar. Eles não podiam comprar brinquedos; então, de barro ele fazia as andorinhas. Elas são as galinhas de Nosso Senhor e ninguém pode matar elas.” (Xidieh, 1976, p.38).

Se apenas ocasionalmente podem comprar, os avós se empenham em fazer, eles próprios, brinquedos para seus netos. Assim é com Dona Betânia que faz brinquedos de papel e de caixinhas de fósforo, além das pipas e bonecas de pano. Dona Jacira faz boneca e gatinho de pano; Dona Rosalina, os vestidos para a boneca, além de pipas com papel de jornal; Dona Alda, dobraduras na forma de barquinho, balão e canoa. Na maioria dos casos não só fizeram; ensinaram seus netos a fazer. Embora, às vezes, alguns deles já não tenham mais lembrança destes aprendizados. “Se ela fez” - conta-me Didier com seus oito anos de idade - “foi só quando eu fui criança porque quando eu fiquei grande assim ela nunca fez.”

Um lugar onde as crianças parecem brincar bastante é a escola. Ninguém revelou fazer brincadeiras durante as aulas, mas antes do início, no recreio e na hora da merenda, quando se juntam a outros colegas, o brincar é constante. Para alguns netos, o período em que estão na escola coincide com aquele em que disseram mais se divertir. Em parte, pode ser pelos brinquedos e pelo convívio com os colegas, mas seria bom não se esquecer que muitos olhos faiscaram quando o tema foi saber o que é servido na merenda. Este momento, vale dizer, é também transformado pelas crianças numa enorme brincadeira; é aí que pedacinhos de macarrão “vão parar” na roupa de um ou de outro entrevistado ...

Na fala dos avós e dos netos muitas críticas são endereçadas à escola: o descuido em não olhar bem, as faltas dos professores, os remanejamentos, as substituições, o uso da televisão como substituta na ausência das professoras, a violência física (arremessos de apagadores contra alunos e puxões pelo cabelo) e a simbólica (deixar de lado quem não corresponde ao modelo desejado ou expectativa preditiva negativa em relação a determinadas crianças). Algumas professoras e diretoras, porém, mereceram elogios individuais, assim como a qualidade da merenda, que é de um modo geral apreciada. Talvez se pudessem levantar outros méritos, que a cidade de Marília possui no problemático cenário educacional do país. O primeiro deles seria certamente o fato de que as escolas públicas têm vagas suficientes para todos e oferecem muitas vezes transporte gratuito. Além disso, são estabelecimentos com bastante área livre não-artificializada, o que significa contato direto com a terra, possibilidade do plantio de árvores e manutenção de jardins, cada qual sob a responsabilidade dos alunos de uma classe, conforme conta Jerry.. Nestes espaços, pode-se brincar à vontade, o que confere a estas escolas uma dimensão interessante enquanto palco de numerosas brincadeiras, terreno onde o lúdico encontra jeito de florescer. Brinca-se tanto nestas escolas que os próprios avós, em certos casos, tomam atitudes indignadas: “É por isso que vocês não passam de ano!” - exclama Dona Betânia. “É por isso que vocês não sabem de nada!” - desabafa ela ao ouvir o relato de um de seus netos.

A televisão.

Os netos, de fato, brincam bastante. Na rua, na escola ou em casa. Engana-se, porém, quem imagina que em casa só tenham olhos para a televisão. As crianças gostam muito de desenhos animados, filmes e, em alguns casos, novelas. Estas últimas são as preferidas das avós, embora façam restrição à novela das oito pela ousadia das cenas.

O programa *Xou da Xuxa* mereceu como seria de se esperar constantes referências, quase todas elogiosas. Os avós sempre viram com bons olhos o modo como a apresentadora trata as crianças e acham instrutivo o ensinamento de brincadeiras. “O programa da Xuxa é legal”, diz Dona Alda, assimilando uma linguagem que é própria de seus netos. Dona Betânia se refere a ele como “aquelas carreiras”, fazendo alusão aos desenhos e à incrível velocidade da sucessão de planos na tela. Acha-o divertido e qualifica-o como “coisa boa.”

Embora os avós mencionem que, se deixarem, as crianças assistem à televisão o dia inteiro, a verdade é que elas não são tão constantes assim. O que acontece é que, muitas vezes, saem para brincar no quintal ou na rua e não desligam o aparelho, desperdício com o qual não concordam seus avós. Parecem convergir, entretanto, quando notam todos seus netos entretidos assistindo aos desenhos. É uma imagem que os tranquiliza. Talvez por entenderem ser essa uma das poucas diversões em que todos se comportam adequadamente e, de modo especial, por estarem livres dos perigos da rua, ou seja, das brigas ou das desavenças com a vizinhança. Alguém poderia encontrar nestes procedimentos descaso ou até alienação diante do conteúdo veiculado. Sem desconsiderar totalmente essa possibilidade, que reúne aspectos pertinentes, seria preciso também indagar: qual conteúdo?

De que adiantaria, por exemplo, ficar descobrindo pormenores das mensagens explícitas ou veladas dos comerciais se, muitas vezes, sequer são captadas por um determinado público, mesmo que as tenha *assistido*? A percepção nunca é um exercício mecânico e um exemplo disto está na existência esparsa do brinquedo industrializado entre esses netos, o que além de reafirmar a condição social relativiza o alcance da exposição

destas crianças ao chamado *bombardeio de anúncios*, que é disparado em meio à programação infantil. Não estou, entenda-se bem, descartando a profundidade desta guerra mercadológica (Oliveira, 1986a, 1986b). Acho apenas que, felizmente para os que aspiram a relações sociais mais democráticas, a apreensão dos conteúdos *não* se faz mecânica ou projetivamente. O receptor, por outras palavras, não acolhe passivamente tudo o que vê e, mesmo sem dispor de controle remoto, não está inteiramente à mercê dos projéteis lançados em sua direção. Se alguns netos fazem tarefa diante do televisor, é preciso ver também que outros, quando chegam os comerciais, mudam de canal ou saem para fora, a encontrar algum entretenimento. E, mesmo os que ficam vendo, olham com nuances de percepção que escapam a quem os observa de longe. Didier, por exemplo, foi um dos poucos a não gostar de Xuxa porque nos jogos “ela fica roubando para as meninas só porque ela é menina!” Estas ponderações não retiram a importância da influência da televisão junto ao seu público, apenas sugerem que as afirmações sejam matizadas com base na compreensão dos diferentes modos pelos quais se realiza a percepção.

Nesta pesquisa, pude notar que assistir à televisão é algo que encanta as crianças, mas não a ponto de ofuscar o interesse pelos brinquedos e pelas brincadeiras em casa, na rua ou na escola. Acompanhados de amigos ou de colegas, as brincadeiras sempre correm soltas, até que um adulto venha dizer que é tarde:

Tarde?

O dia dura menos que um dia.

O corpo ainda não parou de brincar

e já estão chamando da janela:

É tarde.

Ouçõ sempre este som: é tarde, é tarde.

A noite chega de manhã?

Só existe a noite e seu sereno?

O mundo não é mais depois das cinco?

É tarde.

A sombra me proíbe.

Amanhã, mesma coisa.

Sempre tarde antes de ser tarde.

(Andrade, 1980, p.49).

Os animais e a natureza.

Os netos que conheci crescem na cidade, mas tanto quanto possível mantêm contato com os animais e com a natureza. Não há casa que não tenha cão ou pássaro. Na residência do Sr. Benedito, Tinoco é o cão mais velho; não gosta tanto de brincar quanto Rex, mais novo e atentíssimo a qualquer acontecimento em torno da casa. Bastante serelepe, às vezes é mantido preso, o que o contraria muito, provocando reação incorformada através de insistentes latidos. Na casa de Dona Betânia, as atenções maiores se voltam para o papagaio, a quem ensinou a falar e até cantar. Quando não está de muita prosa, a própria Dona Betânia canta alguma coisa para ele, sem interromper o trabalho que estiver realizando:

Meu louro!

Quem caça, meu louro?

É o rei que vai à praça,

meu louro!

Na casa de Dona Jacira, está Princesa, cadelinha dócil com as crianças e presença obrigatória nas brincadeiras de casinha. “A gente pega na mão dela”, conta Roberta, “e ela anda!” Já na residência de Dona Rosalina, Rambo e Luana formam o casal de cachorros. Por fim, na casa de Dona Alda, Cascão é o guarda e amigo de seus netos. Só não gosta de muita proximidade quando está se alimentando. “Se você chegar perto quando ele está comendo osso ele morde” - avisa Jerry.

Junto com os animais, as crianças desfrutam também de um contato tão estreito quanto possível com a natureza. Nada parecido, é fácil entender, com seus avós, que cresceram em zonas rurais, tendo rios como vizinhos e alegres corridas com cabritos em noites de lua cheia. Mas, pelo menos, podem pisar na terra, existente tanto no quintal quanto na escola, no passeio ou em terrenos baldios. Nas árvores, encontram companhia sempre disposta a sediar qualquer aventura - limoeiro, mangueira, mexeriqueira, laranjeira, mamoeiro, bambu, abacateiro, além das existentes nas ruas, como a sibipiruna. Servem como abrigo do sol, instigam ao desafio de serem escaladas e, além de tudo, são pontos escolhidos dos netos, segundo me disseram, para se *proteger* da chuva. Ao que pude alcançar, banhos de chuva são muito apreciados por eles, embora nem tanto pelos avós. A areia existente em certas casas, à espera de futura reforma ou melhoria, se acomoda às caçambas de pequenos caminhões, vira bolinho nas brincadeiras de casinha, transforma-se em plataforma fofa para acolher escorregões ou saltos e serve como munição nas *guerras*, que são desencadeadas sob mínimo pretexto.

Soube por Jerry que a escola pública onde estuda mantém canteiros para que os alunos de cada classe se incumbam de semear e cuidar de um jardim. Bem na esteira do que ensina o poeta:

Eu te ofereço, Primavera,
a arvorezinha de brinquedo
em pátio escolar plantada
enquanto lá fora se ensina
como derrubar, como queimar,
como secar fontes de vida
para erigir a nova ordem
do Homem Artificial.

(Andrade, 1978, p.106).

Cultivar plantas é uma das atividades prediletas de Jerry. A avó, orgulhosa desta habilidade do neto, reservou-lhe um pequeno espaço, que o menino cerca de muito esmero. Com a terra e algumas mudas, formou

um pequeno jardim. Jerry vai olhá-lo diariamente, rega três vezes por semana e, como todo bom jardineiro, gaba-se de que as plantas não morrem em suas mãos. Lá estão: crisântemos, azaléias, folhagens, maçã, espadas de São Jorge, violetas e outras espécies. Dentre estas, por enquanto sem nome definido, existe aquela dada por um de seus amigos. Retribui a gentileza oferecendo outras mudas a ele, de sorte a que o intercâmbio de plantas ajude a vicejar uma amizade duradoura entre os dois.

Em tempos de inverno, a fogueira é sempre uma alegria nos quintais, nos passeios ou nos terrenos vazios. Em torno dela, inúmeras brincadeiras acontecem: esconde-esconde, rela-rela, lanterna, *Bom-Bril*, péna-lata, mamãe da rua ... Com o calor do fogo, temperado pela brisa fria, tendo o céu, a lua e as estrelas a animar as brincadeiras, quem há de ficar em casa? Desta forma, assistidos pelos avós, meninos e meninas, de mãos dadas com os elementos naturais, transformam os espaços da rua em terrenos de festa, quase todos os dias.

Imagens e diferenças.

A proximidade e a afetividade entre avós e netos nem sempre significa sintonia entre as imagens que cada um forma em torno do outro. Supreendeu aos avós não ouvir de seus netos, quando perguntados sobre o conteúdo das conversas que travam diuturnamente, o enunciado dos conselhos, que tanto procuram acalantar entre as crianças. Não foram mencionados naquela hora, no entanto, estão vivos na prática diária de cada um deles. Alguns avós, por sua vez, não se percebem diferentes na criação de seus netos em relação à de seus filhos, todavia, a presença e o convívio com aquelas crianças os fizeram mais fortes, mais saudáveis, mais desenvoltos ...

Sr. Benedito vê sua neta com muita ternura: boazinha, humilde, atenciosa, obediente. Quando brinca com bolinhos de terra, “limpa tudo o que sujou, lava tudo.” Danila, no entanto, talvez pela presença do avô por perto, foi mais econômica e evasiva. Deixa claro seu amor pelo avô, mas só para quem acompanha o conjunto de sua fala. Nos tópicos específicos,

seu dizer é mais contido e sempre sorridente, o que ajuda a criar um clima enigmático. “Quando eu peço uma coisa, ele me dá”, afirma ela, acrescentando depois: “Ruim ele não é, pelo amor de Deus! Pode tirar ruim daí, tire ruim daí ... Eu gosto *tudo*.” Em nenhum momento usei a palavra ruim; ela veio de uma intervenção do Sr. Benedito, mas a pronta reação da menina é significativa. A resposta vem na forma de defesa da figura do avô e é reforçada pelo uso do imperativo: tire ruim daí. Mais adiante, diz que seu avô pode até ficar zangado com ela, quando faz arte, mas “é super difícil ele bater.”

Dona Rosalina, num trecho comovente, expressa sua preocupação em dar *mais*, em oferecer melhores condições de vida a seus netos. Teme não poder mantê-los estudando, preocupa-se quando uma coleguinha compra um sapato, uma roupa e ela, sem meios, ouve de seus netos: “Vó, você não vai me dar um?” Não é à toa que diga, noutra passagem quase em desabafo, “que os filhos não me deram um trabalho igual ao que vocês estão me dando.” Não só as crianças são outras, nem só os tempos são outros; a avó também é *outra*. Tanto se modificou que recebe dos filhos advertências nesse sentido, para as quais reserva uma réplica, na ponta da língua:

Ele (o filho) fala: - “A senhora não bate neles! É por isso! Mas, em nós? Não é Tonho, como nós apanhávamos!” O outro fala: - “É mesmo! Eu não esqueço as surras que a mamãe me deu.” Eu falo: - “E hoje vocês me agradecem, não é, porque senão ... se a gente não educasse vocês, o que é que vocês seriam hoje?”

Na fala de Leila, ficamos sabendo que a avó é carinhosa, conversa, aconselha e só fica brava quando a menina faz sujeira, não quer fazer os servicinhos ou fala um palavrão; aí geralmente ocorre algum *cheguinho*. Telmo, com uma só palavra diz o que a avó representa para ele: *tudo*. Acresce que “ela faz comida, me manda ir à escola” e só fica brava “quando eu não quero ir buscar o leite.” Para Dona Rosalina, do mesmo modo, basta uma simples expressão, *ei, vô!*, para trazer-lhe felicidade. Com a fala, vem o sorriso e o calor do gesto, que ela não verbaliza, mas capta muito bem. “Na escola, mesmo” - diz aquela senhora:

- o Telmo veio falar: “Ah, vó, eu falei para a professora que eu preciso de dois presentes. Para dar para a senhora, que eu tenho duas mães.” Todos eles falam isso, a Leila, o Telmo, desde o parque: “Eu tenho duas mães. É a minha vó e a minha mãe.”

Dona Betânia vive atarantada com o movimento dos netos, mas se sente só quando não estão, já afeita como ela própria reconhece ao *terror* deles. Aponta as dificuldades, porém não identifica o cuidar dos netos como um fardo. Muito pelo contrário:

Alegria é quando eu vejo um moleque brincar comigo, me beijar, me agarrar. Não tenho mais alegria como eu tinha. Eu gosto é deles gostarem de mim, sinto que me adoram: “Vovozinha, eu ‘tava’ com uma saudade da senhora!” Tristeza, de mexer com as crianças, eu não tenho, não! Para mim, é um prazer mexer com eles!

Mesmo sendo uma pessoa às vezes enérgica, Dona Betânia revela-se muito sensível às qualidades de seus netos. Repreende as brigas de Danuza, mas guarda com carinho os bilhetes que a neta lhe escreve: “Passou direto, escreve direto. Tudo o que ela vê, lê ... Ih! Paulo, escreve bilhetes para mim, para a mãe, para o pai!”

A neta, entretanto, talvez inibida com a presença da avó, limitou-se a dizer que “gosta das músicas dela” e que lhe ensinou a lavar roupa. Lúcio preferiu ressaltar as qualidades culinárias da avó, destacando que sua comida é muito gostosa. Válter foi o único a seguir caminho diverso: “Gosto ... porque ela é a única mãe que eu tenho. O meu pai é separado, mora ali na frente. É ela que tocou mais as coisas para mim.”

Dona Jacira também mostrou-se sensibilizada com os pequenos gestos de seus netos. Pequenos só na simplicidade externa, porque, por dentro, são os que mais parecem valer, a julgar pela alegria que sentiu com a lembrança do neto em levar para ela a bolachinha ganha na escola. Ou com as palavras de conforto que seu netos lhe disseram, num momento de aflição: - “Calma, vó! Logo a gente cresce e ajuda a senhora, vó!”

Roberta reafirma seu amor pela avó dizendo que ela é boazinha e que gosta de dar beijos. Só fica brava, acrescenta, “quando a gente faz sujeira.” Pedro também assinala que a avó às vezes fica zangada, como

quando jogou o chinelo no telhado, mas “nunca bateu.” “Foi ela que me criou”, faz questão de consignar. Denise repete a fala do irmão e vai além: “o que eu pedir ela me dá: dinheiro ... escola ... ela passeia com a gente no bosque ... leva no bar, compra doces.” Dona Jacira é, de fato, uma pessoa muito compreensiva. “A vó é de idade” - arremata ela - “e se não entender vocês, quem vai entender?”

Os netos de Dona Alda destacam imagens semelhantes. Jerry diz do que gosta e do que não gosta em sua avó: “Eu não gosto do jeito dela quando ela entra no quarto e faz assim” - o menino faz careta e mostra a língua, imitando a avó. Explica que isso ocorre “quando meu avô está aí no quarto, aí meu avô começa a implicar com ela e ela faz.” “Gosto”- prossegue ele - “do jeito como ela trata a gente ... ela nunca me bateu. Só fica zangada quando a gente mexe nas coisas dela; aí ela corre atrás e começa a xingar: - ‘Seus cabritos!’ Esse jeito como que ela fala, ‘seu bode velho!’, eu acho engraçado.”

Didier é outro a acentuar virtudes na cozinha, entre as qualidades de sua avó. Disse gostar muito dela e menciona sua generosidade em dar “coisas para a gente”, ou seja, dinheiro e doces. Só se zanga quando o neto deixa de guardar o carrinho com que estava brincando e vai fazer outra coisa.

Para Dona Alda, ter netos significa tanto privilégio quanto felicidade. Aponta-os, a exemplo de outros avós, como a razão principal de sua existência:

Eu amo meus netos. Se fosse para eu viver sem eles, praticamente minha vuda seria inútil, sabe? Porque eu gosto deles, adoro meus netos. Para mim, é um prazer muito grande ter meus netos comigo, poder fazer aquilo que eles gostam ... É um prazer para mim se eles falam: “Vó! Eu quero ir em tal lugar, você me leva?” E eu sair com eles, levar todos eles para se divertirem.

A alusão feita por Dona Alda a respeito da satisfação em sair com seus netos faz pensar se, ao longo de toda a pesquisa, não fizemos outra coisa senão acompanhar este passeio entre avós e netos, ou seja, a rota de mudanças que passam a percorrer juntos, a partir de uma vida agora

compartilhada. A chegada de novos desafios a serem enfrentados acaba por revelar o inacabamento destes sujeitos, particularmente dos avós, que poucos julgariam ser ainda capazes de mudança. Em torno destas figuras, consitui-se um processo de co-educação, com influências e modificações recíprocas, movimento longo, cujo fim não se vê. Fui incluído neste passeio e, não obstante tenha apenas percorrido breve etapa, também aprendi, também mudei, também fui reeducado. Vendo de dentro, mas sendo de fora, pude talvez divisar com maior nitidez o mover-se dos sujeitos.

O cotidiano destas pessoas revela-se, então, muito mais rico do que a rotina, a dura rotina dos que vivem a opressão. Mostra a lida de gente envolvida num trabalho que pode ser de criação ou de recriação de práticas e representações. É um terreno multifacetado, em que é possível descobrir a cultura assumindo os mais inusitados contornos, ora conformando-se ora resistindo às manifestações predominantes. Num e noutro caso, nem sempre são construções elaboradas conscientemente pelos sujeitos. Nem por isso, contudo, fica suprimida a dimensão simbólica de suas ações, nas quais seres inferiorizados socialmente, partindo de coisas miúdas, transformam suas práticas e modos de pensar em expressões capazes de criar um contraponto à devastação provocada pela barbárie, nesta sociedade. São forças desiguais, o que serve para deixar todos nós, estudiosos da vida social, bem mais inquietos. Quem sabe nos reste esta trilha difícil e sinuosa, a de olhar vagarosamente as coisas pequenas que estão em nosso redor e reingressar neste passeio a partir das lições deixadas por avós e netos. Caminham, conversam, discutem, alegram-se, contradizem-se, buscam superar dificuldades, entram em conflitos, sofrem, brincam, cantam, magoam-se mutuamente, refazem-se e são ainda capazes de encontrar felicidade num sorriso, num doce, numa expressão carinhosa, tendo as mãos enlaçadas, em sinal de segurança e afeto. Quando passeiam, avós e netos não estão perdendo tempo, estão ganhando vida.

Abstract: This article discusses the peculiar meanings of the development of a popular culture within daily life, originating from the relationship between grandparents and grandchildren in popular classes. Based on long interviews and observations, this essay intends to portray how in this daily relationship both subjects change due to reciprocal influences. It is often believed that elderly people cease to change, however, based on the data collected, this concept deserves to be revised. The challenge of caring for children gave back to these elderly individuals a sense of hope which had seemed lost. Life changed and so did their habits and forms of thinking. Analyzing each small aspect of their daily lives – conversations, stories, advice given, songs, toys, television programs, relationship with animals and nature, we conclude that everything points to new horizons in living.

Index terms: Culture. Intergenerational relations. Grandparents. Children. Education. Memory.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, C.D. *Discurso de primavera e outras sombras*. 2.ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.
- ANDRADE, C.D. *Esquecer para lembrar*. 2.ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1980. (Boitempo III).
- ANDRADE, C.D. *Reunião*. 7.ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.
- BARROS, M.L. *Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.
- BENJAMIN, W. Alegoria e drama barroco. In: *Documentos de cultura, documentos de barbárie*. Seleção e apresentação de Willi Bole. Vários Trads. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1986. p.17-40.
- BENJAMIN, W. O narrador. In: *Obras escolhidas I*. Trad. S. P. Rouanet. 3.ed. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- BOSI, A. *Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*. São Paulo, Ática, 1988a.
- BOSI, A. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, A. et al. *O olhar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988b. p.65-87.
- BOSI, A. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo, Cultrix, 1983.

- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2.ed. São Paulo, T. A. Queiroz, 1983.
- DARNTON, R. *O grande massacre dos gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. Trad. S. Coutinho. São Paulo, Graal, 1986.
- GRIMM, J. *Os contos de Grimm*. Trad. T. Belinky. São Paulo, Paulinas, 1989.
- HALBWACHS, M. *Memória coletiva*. Trad. L. L. Sachaffter. São Paulo, Vértice, 1990.
- KODANSHA enciclopédia of Japan. Verbete de autoria de Saitō Ryosuke. Tokyo, Kodansha, 1983. v.4.
- LAPASSADE, G. *L'entrée dans la vie: essai sur l'inachèvement de l'homme*. Paris, Minuit, 1963.
- MEIRELES, C. *Criança, meu amor*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977.
- OLIVEIRA, P.S. *Brinquedo e indústria cultural*. Petrópolis, Vozes, 1986a.
- OLIVEIRA, P.S. Ligando a televisão: o movimento das tensões. *Comunicarte*, Campinas, SP, PUCCAMP, v. 4, n.8, p.69-81, 1986b.
- OLIVEIRA, P.S. *Vidas compartilhadas: o universo cultural nas relações entre avós e netos*. São Paulo, 1993. 2v. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- PERRAULT, C. *Contos*. Trad. M. J. Gomes e L. N. Jorge. Lisboa, Estampa, 1977.
- RAMOS, G. *Infância*. 20.ed. Rio de Janeiro, Record, 1984.
- VEIGA, J.J. *Os cavalinhos de platiplanto*. 16.ed. São Paulo, Difel, 1986.
- WEIL, S. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Seleção e apresentação Ecléa Bosi. Trad. T. G. G. Langlada. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- XIDIEH, O.E. *Narrativas piás populares*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1976.